## Publicações do Departamento

Walnice Nogueira Galvão, Desconversa: Ensaios Críticos, Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1998, 264 pp.



Desde a publicação de Gatos de Outro Saco, em 1981, que, fora alguns ensaios longos, mas raros (como o excelente "Euclides da Cunha"), e pesquisas de grande valor (como a recompilação da correspondência de Euclides), Walnice Nogueira Galvão vinha mantendo certa reserva, com relação a uma das vertentes mais características de suas coletâneas dos anos 70 e 80: o texto curto, de interferência mais imediata, e não limitado ao campo literário ou a temas mais nobres, de importância fundamental não só na singularização da sua dicção crítica, mas na formação de boa parte da geração de críticos que entra em atividade em fins dos anos 70. Esta reserva teria sua "razão histórica" tematizada, de modo indireto, pela própria ensaísta em "As Falas, os Silêncios", incluído em Desconversa, sobre a resistência cultural à ditadura e os impasses do intelectual brasileiro nos anos de "redemocratização", obrigado a se defrontar com o fato de, "refluída a ditadura", ter restado, "vitorioso e pleno, aquele modelo de sociedade que não desejava e que a ditadura veio impor". E com a percepção de que passara a escrever "para aqueles que aceitam o conformismo e a redundância". O que, se aclara o seu relativo afastamento, na última década, aponta igualmente para as diversas figurações que assume esse silêncio, motivo todo poderoso de Desconversa.

Flora Süssekind, trecho de artigo publicado no Jornal do Brasil, 27 set. 1997.

Iná Camargo Costa, Sinta o Drama, Petrópolis, Vozes, 1998, 237 pp., Col, Zero à Esquerda.



Uma mulher às voltas com o problema do cano d'água furado conta a seus amigos como foi a conversa com o proprietário do imóvel. Seu relato é vivo e direto, movido a inconformismo e humor. Reproduz detalhes precisos do encontro, as modulações de voz e os gestos de disfarce com que o proprietário evitou o assunto de pagar o conserto. Ao contar o episódio para amigos, a mulher não estava interessada em descrever os momentos em que aquele senhor lhe pareceu "uma pessoa razoável". De seu ponto de vista, uma imagem global do acontecimento não vem ao caso quando se tem propósito mais importante.

Neste exemplo apresentado por Brecht como um esquema básico de teatro épico, encontra-se uma imagem para a atitude critica de Iná Camargo Costa. Seus ensaios aqui reunidos têm, a seu jeito, a forma épica de fazer teatro, não por acaso um tema que os perpassa. São reflexões complexas, ricas de cambiantes e de conhecimento, mas que assim como no caso da mulher, redobram de utilidade e beleza por se concentrarem em propósitos concretos. E estão também pouco interessadas nos instantes em que os "proprietários" agem razoavelmente. Sua intenção crítica tem urgência: repensar algumas valorizações artísticas consagradas, revelando nelas sua historicidade e seu caráter ideológico.

A principal dessas valorizações é a que transformou em norma o conceito de Dramática, até hoje difundido como critério maior de julgamento de peças teatrais, elevadas ou desprezadas de acordo com a correspondência a padrões como "profundidade psicológica" ou "unidade de ação".

Não é preciso ser amigo do pensamento de esquerda para reconhecer em Iná Camargo Costa o ensaísmo teatral mais inteligente produzido no país hoje. Menos pela notável cultura da cena ou pela contagiante vontade do argumento do que pela orientação ética do olhar.

Sérgio de Carvalho

Sandra Nitrini, Literaturo Comparada: História, Teoria e Crítica, São Paulo, Edusp, 1997, 312 pp., Col. Acadêmica, 16,



Uma das motivações básicas deste livro é o sentimento de que, para a compreensão do "objeto escorregadio" que é a literatura comparada, é necessário que se revisite sempre sua história, tanto no plano internacional, quanto no local. É o que faz Sandra Nitrini em Literatura Comparada: História, Teoria e Crítica, obra que a autora apresenta como pertencente à família dos estudos introdutórios. Nele, retoma-se o fio histórico das principais discussões sobre o objeto e métodos da literatura comparada, sobre alguns dos seus conceitos fundamentais, para chegar, enfim, à produção comparatista acadêmica no Brasil. É por considerar que a história da literatura comparada sempre tendeu a definir-se em relação aos métodos críticos dos estudos literários que a autora nos apresenta as principais teorias que contribuíram para a literatura comparada. À luz dessas correntes, o livro trata de conceitos fundamentais como: influência, imitação e originalidade. Também sob o olhar comparatista, são examinadas as teorias da estética da recepção e da intertextualidade.

No âmbito da literatura comparada no Brasil, Sandra Nitrini tem dois objetivos: desvelar os pressupostos das teorias comparativas universais "que estão na retaguarda de trabalhos acadêmicos realizados no Brasil", e "estabelecer relações entre as reflexões e discussões de alguns intelectuais brasileiros no que concerne ao diálogo da literatura estrangeira". No primeiro caso, percorre um repertório de dissertações e teses representativo da produção comparatista acadêmica das décadas de 1960 e 1970. No segundo, analisa alguns ensaios mais significativos de Antonio Candido, Silviano Santiago, Haroldo de Campos e Roberto Schwarz, cujo tema central é a questão das fontes e influências. Para a autora, Antonio Candido soube instrumentalizar o conceito de influência, em proveito da literatura latino-americana, por meio daquilo que ele chama "afinamento dos instrumentos recebidos".

Walnice Nogueira Galvão, A Donzela-Guerreira: um Estudo de Género, São Paulo, Editora Senac, 1998, 248 pp.



A Donzela-Guerreira, de autoria de Walnice Nogueira Galvão, levanta os principais atributos dessa figura cativante, valendo-se de suas representações nos mais variados veículos: da literatura à ópera, do cinema à história em quadrinhos, da mitologia às religiões, do cristianismo às tradições indígenas.

A Donzela-Guerreira está presente em todo o texto ou produção imaginária em que a moça vai à guerra disfarçada de homem, para substituir seu velho pai à falta de filhos do sexo masculino.

Começa cortando os cabelos, primeiro e fundamental marco de um ritual de passagem. Os traços da feminilidade são um por um camuflados, desde os seios e ancas até o andar e os desejos. Vai se destacar no campo de batalha pela bravura e pela destreza nas armas.

Cumprindo seu papel em lugar do pai, com o qual se identifica, ela, conforme o caso, terá uma de duas saídas: ou morre, ou desmascarada por aquele de quem se enamora e com quem se casará, deixa de ser tanto donzela quanto guerreira.

Seja como Diadorim, protagonista de Grande Sertão: Veredas, de Guimarães Rosa; como a deusa Palas Atena, do Olimpo grego; como Joana d'Arc, santa cristã; como Mulan, a camponesa da China do séculoV; como Iansã, orixá do candomblé; como a Vasilissa, das epopéias russas; e como inúmeras outras, analisadas e interpretadas neste livro, a donzela-guerreira frequenta com ubiquidade todos os tempos e todas as latitudes.

Os capítulos deste livro são acompanhados de transcrições de textos, de vários autores, que caracterizam os principais atributos dessa personagem singular, ilustrativos de cada passo do estudo.

E. M. Meletínski, Os Arquétipos Literários, trad. Aurora Fornoni Bernardini, Homero Freitas de Andrade e Arlete Cavaliere. São Paulo, Ateliê Editorial, 1998, 320 pp.



No movimento proposto por este brilhante ensaio (que vai - na Parte I - do mito ao conto maravilhoso e deste ao epos, à novela, ao romance de cavalaria e ao de costumes, terminando com o início da Renascenca), são levantados com acuidade os motivos arquetípicos - microenredos que surgem geralmente aos pares -, dando ênfase à sua paradigmática e não a seus desenvolvimentos composicionais à moda de V. Propp e dos semioticistas franceses. O levantamento/ ordenamento explicita algumas grandes leis que regem os enredos da narrativa, desde a mais antiga, tais como: 1. Nos gêneros literários considerados existe a tendência para a centralização da ação no herói, mas não se trata essencialmente da luta entre o bem e o mal, e sim do matiz positivo ou negativo que o herói passe a ter, em função de sua posição em relação ao caos/cosmos, próprio/alheio etc. 2. O sentido comum que permanece na figura do herói pode ser resumido no seguinte: uma individualidade que luta e defende seu próprio socium humano, que pode ser a família, o cla, a tribo, a religião etc. e a sua prosperidade, resultante da vitória da primavera sobre o inverno, da colheita sobre a carestia, da luz sobre a sombra, da vida sobre a morte, do cosmos sobre o caos, do indivíduo sobre o indivíduo, dos defensores sobre os pilhadores, dos "próprios" sobre os "alheios" etc. Isso porém não inclui a luta da consciência individual contra a consciência coletiva, ou contra sua própria "sombra", no sentido junguiano. Isso, diz o autor, encontrar-se-á bem mais tarde na literatura, nas feiticeiras de Macbeth, nos sósias românticos, nas argumentações de Ivan Karamázov etc.

Tendo passado em revista, na Parte I, graças a seu enfoque e à sua cultura colossal, praticamente todos os esquemas narrativos iniciais da literatura universal e tendo-a estudado enquanto formação e ordenação dos elementos do mundo, vai agora, na Parte II, ver nas obras de Dostoiévski, Púchkin, Gógol, Tolstói e Biéli como se transformam os antigos arquétipos e motivos ao chegarem às portas de nosso século e quais as leis que porventura regem essa transformação.

Cláudia de Arruda Campos, Maria Clara Machado, São Paulo, Edusp/Fapesp, 1998, 277 pp., 80 ilus., Col. Artistas Brasileiros, 10.



Maria Clara Machado, atriz, diretora, dramaturga e professora de teatro é das mais destacadas figuras do teatro brasileiro. Com sua atividade à frente do Tablado (desde 1951) e, sobretudo, com suas peças para crianças vem formando e marcando gerações.

Traduzidas para vários idiomas e representadas em diversos países, peças como Pluft, o Fantasminha, O Cavalinho Azul, O Rapto das Cebolinhas são referências para o teatro infantil em plano internacional.

No livro Maria Clara Machado, as formas teatrais encontradas pela autora, suas relevantes qualidades, mas também seus limites, seus conceitos e perspectivas em relação à criança e suas concepções de teatro são discutidas a partir da análise das peças, procurando-se combinar o exame dos textos com pistas sobre a encenação.

Para melhor situar a trajetória de Maria Clara Machado e do Tablado no contexto do movimento teatral brasileiro e do teatro para crianças em geral, retoma-se a história deste gênero, desde seus antecedentes no início do século até sua plena definição após a Segunda Grande Guerra, acompanhando o surgimento no Brasil, no conjunto das manifestações que irão construir o que se entende por teatro brasileiro moderno.

O resultado do estudo realizado por Cláudia de Arruda Campos é revelação de um teatro bem menos "encantado" do que se poderia imaginar: apesar da presença do maravilhoso em várias peças, apesar do tom poético tantas vezes presente, a obra de Maria Clara Machado afasta-se de um otimismo róseo e chega, por vezes, a insinuar um travo de amargura junto com o inconformismo. O humor, outro dos recursos que Maria Clara utiliza com perícia, pode, por vezes, tender à acidez.

Acima de tudo, não abdicando do filtro da fantasia, mas não escapando à exposição de conflitos, o teatro de Maria Clara Machado mantém-se fortemente ancorado na realidade histórica e na experiência humana da qual se origina.

Joaquim Alves de Aguiar, Espaços da Memória: um Estudo sobre Pedro Nava, São Paulo, Edusp/Fapesp. 1998, 224 pp., Col. Ensaios de Cultura, 15.



Examinando o discurso memorialista de Pedro Nava, Joaquim Alves de Aguiar persegue a história de uma formação narrada por meio da reconstituição dos vários espaços em que ela transcorre. Com base na relevância dos espaços da memória, a presente obra faz o percurso textual da Casa, da Escola, do Trabalho e da Rua, no qual são mapeadas as representações decisivas na composição da obra de Pedro Nava. Os quatro espaços são como estações de vida temporalizados: a infância, a adolescência, a juventude e a maturidade. Transitando pelos sítios da existência, o narrador se torna objeto de uma análise acurada e sensível, na medida em que o autor, a partir daí, realiza uma reflexão sobre os matizes da verdade e da verossimilhança nos textos memorialistas. O narrador itinerante, desenraizado e andarilho, perambula pelas regiões intervalares e imprecisas, entre a fábula e o fato, na medida mesma da sua construção como ser dividido entre o espaço real e aquele construído pela palavra. Seus pontos de encontro se dão na encruzilhada crítica das confissões para culminar no silêncio enigmático do suicídio, limite da vida e da obra. Ao fazer o retrato de Nava como um homem que nasceu e se formou nas três primeiras décadas deste século, que viveu os longos períodos de ditadura e o pouco tempo de democracia na história brasileira, o autor cruza o modo de escrever do memorialista com a ideologia que aí pode estar implicada. Mas há também a preocupação em contextualizar Pedro Nava no cenário do Modernismo brasileiro, sua convivência estreita com figuras marcantes da literatura do país, o intervalo entre suas primeiras produções literárias e a eclosão das memórias a partir da década de 70. A intertextualidade também se faz presente neste percurso da trajetória de Nava. É quando o autor se dedica à análise de textos seminais como "O Defunto" e "Evocação da Rua da Bahia", vendo neles a antecipação das memórias. Espaços da Memória enreda prazerosamente o leitor nesta topografia na qual a vida e a literatura se misturam no ato de recordar e escrever.

Vários Autores, Homenagem a João Luiz Lafetá, São Paulo, Nova Alexandria, 1999, 136 pp.



João Luiz Machado Lafetá (1946-1996) trabalhou na Universidade Estadual de Campinas de 1975 a 1979; em 1978 ingressou na Universidade de São Paulo, trabalhando como professor na área de Teoria Literária e Literatura Comparada - depois transformada em departamento - atuando em pesquisa, docência e extensão, até 1996. Pouco depois de sua morte, o Centro Acadêmico da Faculdade de Letras e o Departamento de Teoria Literária resolveram prestar uma homenagem ao colega e professor, organizando o evento "Um Chamado João: Tributo à Memória do Prof. Dr. João Luiz M. Lafetá".

O evento ocorreu no dia 10 de abril de 1996, no Anfiteatro de História da USP, em dois períodos, contando com a participação de colegas da USP e da Unicamp, além de orientandos de Lafetá. No período da manhã, a sessão foi aberta com a leitura - pela professora Sandra Nitrini - de uma carta enviada pelo professor Antonio Candido, orientador do homenageado, e que não pôde comparecer ao evento; posteriormente falaram os professores Alfredo Bosi, Davi Arrigucci Jr., Haquira Osakabe, José Miguel Wisnik e o aluno de pós-graduação Ricardo Barreto. Na sessão da noite, estiveram presentes os professores Ligia Chiappini Moraes Leite, Antonio Arnoni Prado, Nádia Battella Gotlib, Zenir Campos Reis, João Alexandre Costa Barbosa e o aluno de graduação Roberto de Sousa Causo. A professora Mirella Márcia, da Universidade da Bahia, não pôde comparecer, enviando seu depoimento.

O livro com os depoimentos - que agora se publica - traz na abertura o memorial acadêmico apresentado por João Luiz Lafetá quando de seu concurso de efetivação na Universidade, em 1980, além de seu aurriculum vitae. Traz também um poema dedicado a Lafetá pelo professor e poeta Alcides Villaça. Deve-se registrar finalmente um agradecimento especial a Lucinéia Almeida, da secretaria do DTLLC e aluna do curso de Letras, responsável direta pela realização do evento.

Karl Marx & Friedrich Engels, Monifesto do Portido Comunisto, trad. Marcus Vinicius Mazzari, Estudos Avançados, São Paulo, IEA-USP, 1998, n. 34, vol. 12, pp. 7-46.



Depois de tantos estudos voltados para o fenômeno da globalização, visto ora como euforia, ora como aversão, ora como realidade inarredável, ora como um mito prenhe de imposturas, chegou a oportunidade - com a comemoração dos 150 anos do Manifesto de tratar o mesmo conceito em um registro ao mesmo tempo histórico e crítico. Propondo a vários intelectuais de renome o tema o que está vivo e o que está morto no manifesto Comunista? (pergunta que glosa o celébre ensaio de Croce, O que está vivo e o que está morto na filosofia de Hegel, de 1906), Estudos Avançados pôde colher ao menos uma idéia de consenso: Marx e Engels, ao descreverem a expansão do capitalismo em 1848, previram com notável agudeza a situação que vivemos hoje neste fim de milênio. Profetas clarividentes e críticos acerbos, ambos acertaram no prognóstico de uma sociedade cada vez mais rica e cada vez mais desequilibrada.

Que o leitor deste dossiê siga de perto as perplexidades, sem dúvida mais frequentes do que as certezas, dos comentadores do Manifesto. Problemas cruciais como o papel futuro da classe operária (a qual "só subsiste enquanto encontra trabalho", diz o Manifesto), o destino do Estado social em uma sociedade de massas, a construção árdua de um socialismo realmente democrático estão na ordem do dia: e uma reflexão sobre o mais importante dos manifestos da Era Contemporânea só pode ser benvinda.

Convém assinalar o fato de que a tradução aqui publicada, assinada por Marcus Vinicius Mazzari, é nova e baseada exclusivamente no original alemão, o que, de pronto, a diferencia da maior parte das versões que correm nas mãos de nossos estudiosos do marxismo.

Magraa, São Paulo, Humanitas, DTLLC-FFLCH-USP, 1998, n. 5, 154 pp.



Produzir uma revista voltada para a pós-graduação, feita por pós-graduandos, implica, dentre outros, o problema de, a cada número, a equipe sofrer fluxos e refluxos em decorrência dos prazos e dos deveres a que esta fase da vida acadêmica obriga, com uma reciclagem da equipe muito mais rápida do que se gostaria. De algum modo, todavia, seus membros não se desvinculam por completo. Nesta Magma 5, Nelson Luís Barbosa, nosso companheiro no último número, fez a revisão, e Miriam Brenner, responsável nos números 3 e 4 pela seção de criação, tem aqui reproduzido um dos poemas que deram a ela a chance de dividir o primeiro lugar no Prêmio Nascente de Poesia de 1997.

Os dois maiores prosadores brasileiros canônicos, para usar expressão problematizadora de Ligia Chiappini na entrevista aqui concedida -, Guimarães Rosa e Machado de Assis coincidentemente são os autores mais destacados da seção Ensaios (dois estudos cada um), e sendo que num dos textos, o autor se detém em comparação de aspectos do Grande Sertão com a Montanha Mágica, de Thomas Mann. O curso sobre Os Sertões, de Euclides da Cunha, ministrado no primeiro semestre de 1997 no DTLLC, forneceu o texto sobre Canudos. Em meio a esse panteão quase exclusivamente brasileiro, figura também um deus francês, Marcel Proust.

A seção Eventos, por sua vez, aproveitou a vinda de Ligia Chiappini Moraes Leite ao Brasil em março deste ano para fisgá-la. Atualmente dando aula na Universidade Livre de Berlim, Ligia concedeu uma entrevista na qual reclama o e do fragmentário.

Em Tradução, dois escritores importantíssimos e distantes, espacial e culturalmente, têm trechos de seus trabalhos apresentados ao leitor de Magma: o escritor egípcio Alfred Faraj, com o conto "A História Desconhecida de Sinbád, o Marujo", e o pensador indiano Aijaz Ahmad, cujo livro sobre crítica literária, do qual este texto é parte, está para ser lançado aqui pela editora Vozes.



Literatura e Sociedade chega ao terceiro número, dando continuidade ao projeto de publicações do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada. Neste terceiro número, abdicou-se do tratamento temático, no intuito de criar maior liberdade de colaboração. "Ensaios" se abre com um artigo da professora Maria Elizabeth de Vasconcellos sobre o caráter moralizante das fábulas de Esopo lidas na Idade Média portuguesa; também um caráter moralizante está na presença do livro Sinclair das Ilhas, lido por algumas personagens de Machado de Assis, no artigo da professora e pesquisadora Marlyse Meyer, artigo que há algum tempo a revista estava por publicar.

Os ensaios seguintes tratam da literatura brasileira deste século, na forma de diálogo: Raul Antelo fala das relações entre a obra de alguns críticos e/ou criadores modernistas ou não com a psicanálise freudiana ou com Freud; Sandra Nitrini compara as ligações de Ribeiro Couto e Osman Lins com a França, a partir de seus livros de viagem; e Regina Lúcia Pontieri aproxima dois de nossos maiores prosadores modernos, Mário de Andrade e Clarice Lispector, vendo o tratamento dispensado à questão do feminino.

Os dois artigos restantes têm um intuito basicamente teórico: o primeiro, de Walter Moser, professor que visitou o Departamento em 1997, avalia alguns aspectos das relações entre estudos culturais e estudos literários; o segundo, de Leopoldo Waizbort, trata do memorial acadêmico enquanto gênero literário. Ligado ao texto do prof. Waizbort, a seção "Depoimento" publica o memorial de João Luiz Lafetá, professor do Departamento e da Universidade de 1978 a 1996.

"Biblioteca" traz resenhas sobre obras importantes nos estudos literários: a primeira, a edição atualizada da correspondência de Euclides da Cunha; a segunda, o livro em homenagem aos oitentas anos de Décio de Almeida Prado; e a última, o livro mais recente de Davi Arrigucci Jr.

## Anotações à margem de um belo livro

Joaquim Alves de Aguiar Universidade de São Paulo

Gilda de Mello e Souza, O Espírito das Roupas: a Moda no Século Dezenove, São Paulo, Companhia das Letras. 1987. 1

Há livros pelos quais é quase impossível não se apaixonar à primeira leitura. Penso ser este o caso de O Espírito das Roupas, de Gilda de Mello e Souza, pois trata-se de uma obraprima do moderno ensaísmo brasileiro. Por quê? Em primeiro lugar, pelo modo de abordar o assunto: a moda é vista pela autora como fenômeno a um só tempo estético e social. Em segundo lugar, pela prosa perfeita com que o livro foi escrito, uma prosa, como a de Antonio Candido, clássica, discreta, precisa e refinada. Chamam a atenção, em O Espírito das Roupas, a delicadeza e a argúcia no trato da matéria, a erudição fulgurante e as várias observações de uma ousadia impar. A finura do recorte é refletida na finura do estilo, de modo que fundo e forma se equilibram no mesmo nível e com perfeição. Em suma, temos aí uma teoria artística da moda e ao mesmo tempo uma peça inestimável da nossa sociologia da arte e da cultura.

Estamos falando de uma obra que muitos gostariam de ter escrito. Mas nem sempre foi assim. Tanto que o livro ficou praticamente esquecido durante quase quarenta anos. Elaborado como tese de doutoramento, sob orientação de Roger Bastide, para o Departamento de Sociologia da USP, O Espírito das Roupas foi publicado,